



O Neo-coronelismo



Gaudêncio Torquato (*)

Tem sido consenso, entre os analistas políticos, que o país atravessa um dos piores momentos de sua vida parlamentar. O articulista Merval Pereira, de O Globo, é duro na crítica: “o Congresso bate o recorde de ações amorais”.

Deputados se elegendo prefeitos, prefeitos se elegendo deputados, senadores se elegendo governadores, governadores se elegendo deputados; enfim, esse é o retrato da nossa vida parlamentar.

A estampa visual do presidente da Câmara, deputado Hugo Mota, não corresponde ao seu pensamento. Muitos acham que é um novo representando a velhice. De uma família política da região de Patos, na Paraíba, chegou à presidência da Câmara sob a chancela do deputado Arthur Lira, também um representante da Política do “é dando que se recebe.” Ou seja, o Congresso Nacional continua a ser um dos bastiões do coronelismo no Brasil.

Dito isto, é de se perguntar: “há sinais de mudança a vista? Pouco provável que isso ocorra. O coronelismo na política é uma árvore de raízes profundas.

Como se sabe, o coronelismo é um fenômeno da política brasileira ocorrido durante a Primeira República. Caracteriza-se por uma pessoa, o coronel, que detinha o poder econômico e exercia o poder local por meio da violência e trocas de favores.

A palavra coronelismo é, na realidade, um abasileiramento da patente de coronel da Guarda Nacional. O cargo era utilizado para denominar os cargos que as elites locais poderiam ocupar dentro do escalão militar e social brasileiro.

Esse fenômeno teve início durante o Período Regencial (1831-1842). Como o Império do Brasil se encontrava sem um Exército forte e centralizado, o governo apelou para os dirigentes locais a fim de constituir milícias regionais e assim, combater as rebeliões que aconteciam no país.

Naquele momento, foram colocados à venda postos militares como o de tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel da Guarda Nacional.

Aos olhos da população local, ser coronel era equivalente a ter um título nobiliárquico e passou a legitimar muitas das ações dos chefes locais. Os coronéis podiam recrutar pessoas para compor a força militar do governo.

O fenômeno do poder do coronel foi tão presente que se confunde com outros termos relacionados, tais como mandonismo, clientelismo e, até feudalismo. Na América hispânica encontramos similitude com o caudilhismo.

Historinha do coronel Chico Heráclio, o último coronel do Nordeste: mandou na cidade do Limoeiro (PE), afirmando que as eleições em sua cidade "tinham que ser feitas por mim". Heráclio em dia de votação distribuía aos eleitores, em envelopes lacrados, as chapas de seus candidatos. Um mais afoito dirigiu-se a ele, depois

de ter votado: “Fiz tudo certinho, coronel, como o senhor mandou. Agora me diga uma coisa: em quem eu votei?” A resposta veio rápido: “Nunca me pergunte uma coisa dessa. O voto é secreto, meu filho”.

Outro episódio engraçado: o do pênalti que o coronel mandou o juiz cobrar a favor de seu time, o Colombo. Foi em um jogo com um clube do Recife. O empate sem gols permanecia quando, a poucos minutos do fim, o árbitro marca a penalidade máxima para os visitantes. A confusão foi armada, sem que Chico Heráclio soubesse o que estava ocorrendo. Ao ouvir as razões do juiz, decidiu dar a razão a ele. Um assessor disse-lhe no ouvido que o Colombo perderia o jogo. Então o coronel ordenou: “cobra, sim, mas contra a outra barra”.

Os territórios controlados politicamente pelos coronéis eram denominados “currais eleitorais”. Neles, qualquer um que se negasse a votar no candidato apadrinhado pelo coronel poderia sofrer violência física e até morrer. Esse método ficou conhecido como o Voto de Cabresto.

Apesar de toda hegemonia durante a República Velha, o coronelismo perdeu espaço com a modernização dos centros urbanos, bem como pela ascensão de novos grupos sociais. Igualmente, a Revolução de 30, liderada por Getúlio Vargas, pôs fim a esta maneira de fazer política.

Até hoje podemos verificar sua influência no Brasil ao perceber o domínio de uma mesma família em certas regiões brasileiras. Basta olhar para a cara do Congresso para constatar a força do neocolonialismo.

Basta ver também que o Congresso tender a jogar no baú do esquecimento, projetos de lei que contrariam os interesses de bancadas que jogam no tabuleiro do “toma-lá-dá-cá”. Há inúmeros projetos de reforma política que continuam no baú do esquecimento.

Haveria mecanismos para se fazer uma reforma em profundidade? Alguns fatores e variáveis são citados, dentre as quais a reforma política e eleitoral, o fim ou redução da reeleição cruzada, barreiras para que ex-governadores imediatamente disputem o Senado, ou senadores retornem à Câmara sem intervalo, cláusulas de barreira mais fortes, que dificultariam a proliferação de partidos usados como meras legendas de aluguel, sustentáculos dos coronéis locais; a adoção do voto distrital misto ou distrital puro, que poderia enfraquecer oligarquias estaduais, ao aproximar representantes de bases menores, porém sob risco de reforçar o poder de coronéis locais.

Na área da regulação da comunicação política, a medida mais adequada, segundo os especialistas, seria reduzir a concentração de concessões de rádio e TV em famílias políticas.

Eis o dilema central: coronelismo moderno é um sistema de poder que se adapta, quando se fecha uma porta, ele encontra outra.

(*) Escritor, jornalista, professor titular da USP e consultor político

Microsoft anuncia o mais poderoso data center do mundo

A Microsoft acaba de anunciar seus planos para inaugurar, no início de 2026, o que deverá ser o data center para inteligência artificial (IA) mais poderoso do mundo.

Vivaldo José Breternitz (*)

Batizado como Fairwater, o data center fica em Pleasantville, Wisconsin, e será dedicado especificamente ao treinamento e à execução de modelos de IA em larga escala; o complexo se estenderá por quase 1,3 milhões de metros quadrados, contendo três edifícios com área construída de cerca de 112 mil metros quadrados projetados para abrigar “centenas de milhares” de GPUs Nvidia GB200 e GB300, como disse a empresa.

Satya Nadella, CEO da Microsoft, revelou no X (antigo Twitter) que essas GPUs terão um desempenho dez vezes superior ao do supercomputador mais rápido da atualidade. A comparação provavelmente se refere ao Colossus da xAI, que utiliza mais de 200 mil GPUs e consome 300 megawatts de energia. A Microsoft não especificou o número exato de GPUs e o consumo de energia previsto para o Fairwater.

Um dos pontos de destaque do data center é seu sistema de resfriamento de água em circuito fechado, que a empresa afirma resultar em “zero desperdício de água”; o abastecimento de água será feito uma única vez, durante a construção. A Microsoft diz



CnvStudios_Images_CANVA

que se trata da segunda maior planta de resfriamento a água do mundo; a água quente será resfriada por 172 ventiladores de 6 metros de diâmetro antes de retornar para resfriar as GPUs novamente – sistemas de refrigeração a ar também farão uma parte desse trabalho.

A Microsoft disse estar empenhada em evitar o aumento dos custos de eletricidade para as comunidades vizinhas – será preciso ver para crer...

Além do Fairwater, a Microsoft disse que pretende construir vários outros data centers semelhantes em outras localidades dos Estados Unidos.

O impacto ambiental dessas estruturas precisa ser verificado cuidadosamente.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitiz@gmail.com.

AI Mode do Google muda as regras do SEO e desafia estratégias das marcas

Com a chegada do AI Mode, que leva a inteligência artificial generativa para dentro da busca do Google, o SEO segue em movimento e constante modificação. O recurso deve mudar não só a forma como consumidores acessam informações, mas também como empresas precisam se posicionar para não perder espaço nos buscadores. Para a liveSEO, maior agência de SEO da América Latina, o novo cenário traz riscos e oportunidades que exigem rápida adaptação.

Pesquisas recentes já mostram os impactos dessa transição: segundo a Ahrefs, buscas em que o Google exibe respostas resumidas por IA registram queda média de 34,5% nos cliques orgânicos nos sites listados. Ao mesmo tempo, levantamento global da Ipsos com o Google indica que 54% dos brasileiros usaram IA generativa em 2024, acima da média mundial de 48%. Ou seja, o comportamento de busca já mudou e tende a acelerar ainda mais.

“As empresas que não ajustarem sua estratégia podem perder espaço nos próximos meses. Não se trata de abandonar o SEO tradicional, mas de evoluir-lo para o que chamamos de GEO (Generative Engine Optimization), com conteúdos e estruturas preparados para serem compreendidos e citados tanto por buscadores quanto por inteligências artificiais”, explica Lorena Martins, Diretora de Marketing da liveSEO.



enot-poleskun_CANVA

Desafio ou oportunidade?

A liveSEO aponta que a mudança não deve ser vista apenas como um desafio. A aparição de empresas como fontes confiáveis nos resumos gerados por IA pode reforçar a autoridade de marca e ampliar o reconhecimento. Para isso, é essencial revisar conteúdos, implementar dados estruturados e otimizar aspectos técnicos que favoreçam a rastreabilidade, áreas em que a liveSEO já atua com metodologia própria.

Casos práticos de empresas acompanhadas pela agência já mostram ganhos: ao adaptar páginas críticas para formatos compatíveis com mecanismos de IA, negócios em segmentos de e-commerce e serviços registraram não só manutenção

de tráfego, mas aumento na taxa de conversão pela qualificação dos acessos.

“Assim como em outros momentos da evolução do SEO, quem se move primeiro colhe resultados desproporcionais. Estamos oferecendo às empresas diagnósticos práticos sobre sua exposição ao AI Mode e estratégias para garantir presença em um ambiente cada vez mais competitivo”, reforça Lorena.

Segundo estimativas de mercado, as plataformas de IA já direcionam mais de 1 bilhão de acessos mensais a sites. Para a liveSEO, o recado é claro: quem adaptar sua estratégia primeiro terá vantagem competitiva.



News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Paipe lança HackIathon para acelerar uso de inteligência artificial em empresas

A Paipe, empresa especializada em inteligência artificial e transformação digital, lança o HackIathon, um evento colaborativo e dinâmico que ajuda empresas a identificarem desafios estratégicos e desenvolverem soluções personalizadas com o uso de IA. Com duração de aproximadamente 6 horas, o formato combina workshop técnico e dinâmicas práticas que envolvem desde a capacitação de colaboradores até o mapeamento e priorização de problemas reais nas organizações. O projeto é destinado para empresas que já compreenderam que a adoção da inteligência artificial é uma necessidade imediata e não querem correr o risco de se tornarem obsoletas diante da próxima grande onda de transformações. Para saber mais, acesse: <https://paipe.com/>.

Governo avalia campanha nacional de combate a crimes digitais contra crianças

A proposta de um projeto de lei para criação de uma campanha nacional de prevenção e combate a crimes digitais contra crianças, adolescentes e pessoas com deficiência foi aprovada pela Comissão dos Direitos das Pessoas com Deficiência na semana passada. Entre as ações previstas estão palestras, congressos e seminários sobre éticas e riscos de crimes digitais, além de divulgação de mensagens na internet, rádio, TV e outros meios de comunicação, com orientações sobre prevenção e canais de denúncia. O próximo passo para a proposta é ser analisada, em caráter conclusivo, pelas comissões de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família; de Finanças e Tributação; e de Constituição e Justiça e de Cidadania.